

A Psicologia e o psicólogo

Noventa e três anos eram passados desde o histórico 1879, quando, em Leipzig, Wilhelm Wundt fundava o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental, definindo desta forma o roteiro específico de uma nova ciência, que, com método e objeto próprios, assumia foros de independência entre as ciências de experiência.

A gestação longa e penosa por que passou a Psicologia vinculada à Filosofia, desde os momentos primeiros do pensamento humano, cedeu lugar ao grande entusiasmo das primeiras pesquisas do seu conteúdo e à sua primeira sistematização que, elaborada por Wundt e continuada pelos seus discípulos, parecia delimitar os horizontes do seu interesse e explicitar as dimensões teleológicas da sua atividade. É com o vigor das incipientes experiências, enriquecidas pela multissecular tradição filosófica e pela progressiva indagação fisiológica, que penetra a Psicologia nos terrenos do ensino oficial.

Como, no entanto, a Ciência abstém-se de indagações que não se fundamentem e configurem em fatos, cedo emergiu a constatação da insuficiência dos dados em acervo, ao lado da fragilidade de muitos elementos tidos como definitivos. As controvérsias geradas pela diversidade de posições culturais, que permeavam o hábito mental de quanto se acercavam do objeto da Psicologia, desencadea-

ram uma luta sem quartéis sobre o método e o objeto da jovem ciência, levando os devassadores dos seus limiares a desconfiarem dela como sistematização única e completa. Os saudosistas da especulação aumentaram ainda a litania dos pessimistas quanto à sua continuidade e persistência como ciência autônoma e com direitos a lugar no concerto das ciências, ora reclamando seu retorno ao seio de origem, ora profetizando o reencontro da filha pródiga com a mãe insubstituível, após as frustrações dos passos experimentais indevidos e mal ensaiados.

A desilusão parecia qualificar a evolução apenas iniciada, decoroçando os observadores dos trabalhos dos "psicólogos de bronze" e desanimando as tentativas de unificação que, esperada dia a dia, se fazia menos possível ante o avolumar-se pluralístico de grupos antagonísticos alimentados por belicosa e persistente crítica.

Franz Brentano faz reservas à concepção wundtiana sobre a experimentação. Na Academia das Ciências de Berlim, o filósofo Wilhelm Dilthey, em 1894, recrimina os psicólogos pelo fato de abandonarem o estudo da natureza dos fenômenos psíquicos para perfilharem os esquemas das ciências físicas. A Psicologia, diz o filósofo idealista alemão, pertence às ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) e não pode ser inserida entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Seu pensamento se evidencia, quando afirmou que nós "explicamos" a natureza, mas "compreendemos" o espírito.

No mesmo ano, Joseph Breuer e Sigmund Freud publicavam o seu estudo sobre o mecanismo dos sintomas histéricos.

As duas posições são um marco de insatisfação ante o caminho ensaiado pela Psicologia.

A Psicologia, porém, emigra para a Inglaterra e Estados Unidos, com a significativa bagagem científica dos alunos de Wundt. A corrente alemã continua fiel aos princípios do seu fundador, estudando os processos psicológicos em si, enquanto, *pari passu*, se afirmam a tendência ao estudo dos problemas concretos e a busca de simplificação da estrutura da nova ciência.

A neurofisiologia começa a se impor e a apresentar conquistas de relevo que pareceram, não poucas vezes, anularem os esforços de sobrevivência da Psicologia, em cujo terreno já se digladiavam, às claras, estudiosos de psicologia animal e comparada, psicólogos experimentais e psicometristas e escolas várias estimuladas pelos ângulos diversos de estudo do comportamento humano.

Limitada à sua formulação primitiva e dividida pelas múltiplas interpretações que as escolas em luta formulavam, atacada pela Filosofia, que a pretendia de volta, e pela Fisiologia, que desacreditava de muitos dos seus postulados, a Psicologia poderia parecer a um observador apressado mais uma ciência sincrética e inútil, fada-

da à falência, do que um ramo específico do conhecimento, em cuja tessitura os problemas do homem e da conduta pudessem ser esclarecidos, conhecidos, analisados e diferencialmente integrados.

Os acontecimentos, no entanto, desmentiram as perspectivas apressadas e superficiais. Embora, por uma necessidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento, tenha abandonado muitas das concepções iniciais e aceito novas e contrastantes, isto não veio senão provar a vitalidade da Psicologia, que se portou, acima de quaisquer expectativas, como um poderoso rio alimentado por inúmeros afluentes e capaz de assimilar águas de origens e composições diversas.

Já não se admitem as primitivas e elementares interpretações sensistas e atomistas no estudo dos problemas do caráter e da personalidade. Isto é resultado irretorquível das críticas de Franz Brentano e de Wilhelm Dilthey. Impõe-se hoje um estudo mais profundo e uma análise mais consistente do inconsciente. Isto é consequência das críticas freudianas. A Psicologia abandona, nos nossos dias, a aridez e as especulações dos primitivos interesses para se lançar às pesquisas funcionais dos problemas da vida humana. Isto decorre das lutas ensaiadas, em terreno americano, entre o espírito pragmático e a posição estruturalista titcheneriana. A sólida base biológica que sustenta a interpretação oferecida pela Psicologia à unidade substancial do ser humano e o surgimento de novos e promissores problemas e teorias que ampliam as possibilidades de novos conhecimentos, é contribuição da Psicologia animal. A multiplicidade de tipos impensados de pesquisa, pondo, para a mesma Filosofia, novos e profundos problemas, deriva das grandes polêmicas sustentadas, até os nossos dias, com a Filosofia.

Que, então, é a Psicologia? Quais as suas dimensões de futuro? Deixamos a resposta para você, estudioso. Sabemos apenas que as controvérsias continuarão; e devem ter seguimento, pois delas dependerá sempre, na necessária dialética em que nasceu e de que vive esta ciência, a imensa perspectiva do vasto campo que ela abraçou e cujos limites, dia a dia, se avantajam. Problemas os mais profundos amadurecem no subsolo das grandes polêmicas sobre o homem, sua vida, sua personalidade, seu ajustamento, seu comportamento.

As duas matrizes de onde procedeu a Psicologia são indubitavelmente: a Filosofia e a Fisiologia. E isto é de tal forma evidente que a mesma Psicologia parece, hoje, ser a grande ponte de contacto entre as duas e um como ponto dialógico entre a especulação e a experimentação. Encontra-se aqui a posição de tropeço para a jovem ciência: é ela portadora da unilateralidade das ciências de análise e da amplitude das ciências de pensamento e de síntese.

A medida, porém, que a Psicologia se consolida dentro dos marcos da sua especificidade, aceitando as limitações que lhe são impostas pelos seus métodos e os imperativos solicitados pelos dados de ordem superior, próprios da experiência humana, entre as ciências de análise e as de síntese, abre-se definida a moldura em que se vai, a pouco e pouco, inserindo definitivamente a ciência do comportamento. De fato, não se faz Psicologia sem Fisiologia e sem Filosofia, vez que os fatos psíquicos estão vinculados inseparavelmente com os biológicos, sem, no entanto, com eles se confundirem; como ainda são os fatos psíquicos o pressuposto e o resultado de um pensamento, que, por ser peculiaridade humana, é portador do caráter humano irreduzível, por isto mesmo, ao especificamente biológico. Ademais, nem mesmo a Fisiologia fugiu à influência da Filosofia. Tomemos, à guisa de exemplo, os conceitos de sensação e associação. São de origem filosófica. Ao passarem para o campo fisiológico, nada ou quase nada mudaram da sua textura. Qual a razão da ampla ressonância obtida pela descoberta de Johannes Mueller, a energia específica dos nervos? É que Emmanuel Kant a havia precedido mediante a distinção, no conhecimento, entre os fenômenos (*fainomena*), as aparências, única realidade do conhecimento, e a realidade em si, o número (*noúmena*), que nos é inteiramente inacessível. A distinção estabelecida por Flechsig entre áreas de projeção e de associação no cérebro resulta também da distinção kantiana entre sensibilidade produzida pelas sensações e o raciocínio elaborador das sensações. Finalmente, quem é o fator, em termos evidentemente primitivos e elementares, da concepção mecanicista, alicerce da pesquisa fisiológica posterior, senão René Descartes?

Queremos, no entanto, deixar bem claro que não estamos a asserir, nem poderíamos fazê-lo, que a Psicologia se confunda ou dependa da Filosofia, ou que uma seja absolutamente necessária para a existência da outra. Ao contrário, defendemos, em termos absolutos, a independência de ambas as ciências, suas peculiaridades de objeto e método, que as formalizam. Apenas insistimos em mostrar a influência que a Filosofia exerceu e continuará a exercer sobre a Psicologia, vez que esta é resultado da elaboração do homem que pensa, sente e age de acordo com o que pensa, e vive atufado num processo cultural que não se configuraria nem se distinguiria sem uma "Weltanschauung" que o consolidasse.

Quem, entre os grandes psicólogos, não professou sua filosofia? Quem, entre os criadores de escola psicológica, não sedimentou seus princípios interpretativos da realidade humana experimentada senão numa concepção do homem, o que, em última análise, se constituiu no elemento diferenciador das demais concepções?

As diversas escolas psicológicas se diversificam não tanto pelos fatos apresentados, quanto pelas interpretações que lhes atribuem.

E isto, a nosso aviso, não é experimentação, é Filosofia. É de G. E. Boring a assertiva: "a especulação sempre foi livre na ciência. A sanção para a especulação é a sua fertilidade, e os grandes cientistas são aqueles que especularam com sabedoria e sucesso". Por sua vez, T. W. Moore insiste enfaticamente: "A tendência a evitar as conseqüências filosóficas não pode satisfazer a um estudioso de Psicologia". O conhecido Pierre Janet afirmava, pouco antes de morrer, em sua autobiografia (Cf. *Études philosophiques* — 1946): "Eu não teria podido recolher nem classificar as numerosas observações sobre o homem normal e doente, não estivesse orientado pelas idéias filosóficas sempre indispensáveis. Como dizia William James: "Não se vê senão aquilo para que se está preparado".

Uma das tendências acentuadas, no cadinho da Psicologia, em que as suas diversas escolas se encontram sem jamais entrarem em estado de fusão, é a de reduzir a ciência do comportamento a fenômeno fisiológico. E o ponto momentoso situa-se na distinção, por parte de fisiólogos e psicólogos, de *Fato Objetivo* e *Fato Subjetivo*.

O fisiólogo procura descobrir o determinismo físico-químico dos fenômenos vitais. As dificuldades inarredáveis que tal pesquisa cria, o fisiólogo não tergiversa em resolvê-las simplesmente mediante a aplicação dos seus esquemas mecanicistas. A solução, acredita, está perfeitamente encontrada, como a peça que faltaria para o bom funcionamento de uma máquina.

O psicólogo, ao contrário, distingue o problema das partes e o problema da forma, a explicação físico-química de um fato e o significado que este tem com relação a outros; o problema de um fato analisado objetivamente e o fato vivido subjetivamente. Por isso, é o psicólogo acusado de abandonar a realidade objetiva em estudo e se perder em árida especulação filosófica.

Não será fácil para o psicólogo convencer o fisiólogo que a percepção não se reduz aos dados sensoriais trazidos pelo organismo; que a memória, para além de registro de acontecimentos, é uma elaboração dos acontecimentos; e a mesma linguagem, esvaziada pelos esquemas fisiológicos, jamais teria sua função explicada.

A Psicologia desaparecerá, acredita o fisiólogo, à medida que as pesquisas fisiológicas trouxeram aprofundamento aos processos biológicos, e momento chegará em que os chamados processos psicológicos não mais se distinguirão daqueles. Mas, como tal momento ainda não é chegado, o mesmo fisiólogo continua a falar e a se referir a fatos psíquicos. Emprega, então, uma terminologia que, parecendo precisa, manifesta-se inadequadamente para a finalidade com que é usada, visto que exige sempre uma explicação daquilo que é ainda objeto de discussão. É, de fato, muito mais simples interpretar a realidade, partindo do princípio de ser ela regida por

um mecanismo determinista (como pura causa e efeito), do que buscar o nexu íntimo existente entre este e aquela.

Assentado definitivamente seu *status* de ciência independente, a Psicologia não pode deixar de reconhecer existirem, no seu contexto estrutural, problemas a resolver e dificuldades imensas a desafiarem os pesquisadores. De fato, desde Wundt, a Psicologia sentiu prevalecer, na absoluta maioria dos estudos, a preocupação pelos "elementos" da vida psíquica, ficando em plano secundário o interesse pela atividade como um todo. De Brentano à Gestaltpsychologie, retoma-se o caminho inverso: parte-se do estudo das "funções" mais do que dos conteúdos de consciência. Representam ambas as posições meias-verdades, e a Psicologia verdadeira considera as duas meias-verdades: as sensações e a atividade interna, a face externa e interna da conduta.

Com o único método possível à sua natureza de ciência experimental (o indutivo), a Psicologia aborda as atividades psíquicas, estudando, em separado, cada manifestação: percepção, sentimento, vontade, memória, etc. E, à medida que se adentra em seu estudo, percebe que as distinções são puramente formais, pois não existe fato psíquico no qual, direta ou indiretamente, não estejam envolvidas todas as atividades. Logo que abandone o estudo abstrato das funções e passe para a abordagem concreta das características individuais, algo novo emerge: já não é a qualidade ou quantidade dos elementos que assume significado, mas seu nexu interno. Ora, nossos termos, métodos de pesquisa e nosso modo de concepção (e não poderia ser diversamente) modelam-se à base de experiências "físicas" e nos inclinam a uma interpretação "mecanicista", que se mostra totalmente inadequada às reais características da experiência psíquica. Surge daqui o combatido verbalismo que é, sem dúvida, uma das maiores dificuldades da Psicologia, quando, assumindo posição unilateral, esquece que o fato psíquico é essencialmente diverso do fato físico.

Combate-se a Escolástica, quando se perde nas sutilezas das distinções das diversas faculdades da alma, mas não se atenta para o linguajar rebuscado da Psicologia Fisiológica, do Gestaltismo, do Behaviorismo, da Psicanálise, cujas construções são, muita vez, mais verbalismo que fatos concretos. Que sentido tem, por exemplo, a tão explorada "experiência subjetiva" para a Escola Objetiva tão ingênua, que a põe como fundamento do estudo dos fatos psíquicos? Esbate-se constantemente nas explicações verbais com que cada escola busca explicar e esclarecer sua doutrina. Lembre-se, ainda, como John Broadus Watson considerava a Psicologia Clássica, mormente no tocante à introspecção; como o Gestaltismo combate o Behaviorismo e é por este combatido. A mesma Psicanálise

extremou-se ao ponto de interpretar o fato consciente em função da estrutura inconsciente.

As várias escolas psicológicas partem de critérios, métodos e finalidade diversas, quando tratam do mesmo elemento de análise. Cada uma manteve-se coerente a seus pontos-de-vista. Psicofísica e Psicofisiologia procuram mais os conteúdos da vida psíquica que o seu caráter unitário. As Escolas Gestálticas procuram a vinculação dos diversos fatos psíquicos, opondo-se ao atomismo. O Funcionalismo, o Behaviorismo, a Psicologia Compreensiva, procuram mais o aspecto concreto e prático em sua pesquisa. A Psicanálise procura a importância dos dinamismos inconscientes, deixando de parte os conscientes. As Caracterologias procuram o indivíduo, na variedade e na unicidade dos seus caracteres.

São todas, como já o dissemos, criaturas do seu ambiente filosófico, resultantes da cultura em que nasceram. De aqui brotam as grandes dificuldades com que se defronta a Psicologia na abordagem do seu objeto, dificuldades que se somam às limitações criadas pelos métodos de pesquisa, das condições ambientais e mentalidade e formação filosófica dos pesquisadores.

Diante da complexidade dos problemas que a Psicologia, em sua evolução, põe para o psicólogo; diante da vastidão dos campos novos a cada passo abraçados pela Psicologia; e diante, ainda, das supremas responsabilidades que o estudo do homem e do seu comportamento impõe ao psicólogo — conclui-se que a manutenção de um alto nível de competência profissional é um dos indispensáveis requisitos desse especialista.

Conhecedor da Biologia e da Fisiologia, ao psicólogo não pode faltar uma sólida cultura filosófica que lhe assegure uma fundamentação crítica suficiente à neutralização dos ingênuos entusiasmos, das generalizações fáceis, bem como lhe proporcione a segurança de ação qualificadamente objetiva. Sua cultura geral não desdenha qualquer campo que direta ou indiretamente ilumine seu objeto de estudo. Em suas grandes linhas, as ciências em geral devem ser do seu conhecimento, problemas de Medicina e Psiquiatria inclusive. A lida com os dados colhidos e a sua avaliação postulam certo domínio da Matemática e Estatística. A compreensão do homem em geral e do indivíduo em particular é imperativo indiscutível na formação do psicólogo, o que não deve ser confundido com o vazio e tautológico sentimentalismo. Nesta tarefa de relação interpessoal intencional, jamais deve faltar ao psicólogo *uma profunda correção moral*, sem o que se tornaria deletéria sua ação e calcinados os seus esforços.

Seus interesses não podem adiar a categórica necessidade do amanhã da especialização sólida em adimplemento à sua missão de compreender, orientar, aconselhar, ajustar, libertar, educar e ama-

durecer o homem. Para tanto, a lição dos grandes mestres deverá ser diuturnamente lembrada, para, como eles, saber plantar, colher, joeirar, enceleirar e distribuir.

Nem se pense que se fará Psicologia sem a amplitude cultural que o campo específico impõe, sem a atualização que as novas fronteiras rasgadas pelas pesquisas exigem, sem as delimitações de área que a especialidade escolhida estabelece, iluminadas por uma consciência clara de que improvisação não faz cultura, não sedimenta ciência.

Não serão obliterados pelo psicólogo os percalços da sua profissão:

— a aridez dos problemas científicos, para cujo tirocínio só os ânimos temperados pela paixão do verdadeiro estão preparados;

— a rotina da atividade de consultório e laboratório e escola e empresa, a solicitar a dedicação afetiva capaz de ver o novo em cada momento iterativo do mesmo trabalho;

— o descaso de quantos, desconhecedores da importância desta ciência aclaradora dos processos dinâmicos do homem e do seu pluriforme comportamento, tentam esvaziá-la pelo menosprezo da função do estudioso de Psicologia;

— a coragem intelectual para agir muito além do sentimento, quando estiver em jogo o resultado da medição ou a avaliação ou a terapia ou a expressão da honestidade profissional;

— o desgaste emocional e intelectual na solução dos problemas do homem de hoje, mergulhado, como se encontra, numa robusta rede de pressões afetivo-emocionais que o tornam cada vez mais frágil ante as dicotomias existenciais e históricas;

— a maturidade pessoal, característica insubstituível para a profissão de psicólogo;

— a capitosa inclinação mercenária que a meia-ciência cria.

Estudioso dos problemas do homem, é também o psicólogo um homem. Estudioso, os deve conhecer a fundo; homem, vive-os na diferencial intensidade da sua especificidade humana, sendo obrigado, no entanto, sobre o que vive, valorar e orientar.

Bateando no rio da vida, sobe a corrente à procura das fontes e da etiologia dos problemas presentes, aqui e agora, num comportamento concreto, espacial e temporal, cuja interpretação está a depender não só da sua ciência, quanto da sua experiência.

Faz-se a esta altura perigoso o seu trabalho, pela espontânea projeção que o hábito mental do cientifismo puro traz como matriz explicativa da conduta, esbatendo a espontaneidade, a genuinidade e a responsabilidade de cada reação comportamental.

O substrato de cada conduta, a estrutura de cada comportamento, o embasamento de cada reação é o humano no homem. A

supressão deste aspecto, por parte do psicólogo, pode profanar estupidamente a dimensão e profundidade dos valores humanos.

Na observação de um fato humano não basta o recurso à descrição mecânica da interdependência dos processos dinâmicos. Ali está um pai que se emociona pelo retorno do filho, após longos anos de ausência. A emoção é evidente no linguajar da face externa da conduta a exprimir os eventos de face interna. O psicólogo que observa traduz o que vê: fala de percepção dotada de forte valência afetiva desencadeadora da emoção que se expressa exteriormente em termos de motricidade. Na pesquisa curiosa da gênese do problema em estudo, reconstrói, em termos de Psicologia Analítica, a evolução dinâmica tendencial-instintiva, delimitando seus vários momentos de expressão, sob a ação de fatores endógenos e exógenos que o trabalharam.

A tentação do psicólogo será passar, de imediato, ao diagnóstico que seus conhecimentos científicos lhe possibilitam. E se pode consubstanciar aqui seu maior pecado contra a mesma ciência de que se faz arauto: a universalização. Na verdade, que se comporta é aquele homem e só ele na singularidade, especificidade e pessoalidade daquele ato. A emoção é dele, as reações bioquímicas e psíquicas pertencem a ele. A história do seu desenvolvimento foi construída por ele. É ele quem dá sentido a tudo. É ele, finalmente, aqui e agora, quem atualiza a forma de perceber, sentir, lembrar, interpretar do psicólogo.

A intransferibilidade das conotações deste comportamento, nesta pessoa, obriga o psicólogo a manter-se vinculado, para descrever e diagnosticar e, mais ainda, prognosticar, à avaliação individual e pessoal.

O normal e necessário recurso às expressões tipológicas e caracterológicas, bem como às expressões nosológico-psiquiátricas, acertadas e justificadas, no manejo do linguajar científico, corre o risco de nada traduzir *in anima viva*, se abandonada a dimensão humana. De fato, a emoção que existe para aquele homem, as dificuldades que surgem para ele, a dinâmica efetiva que encontram nele sua forma e expressão, para além do quadro comum e universal, têm na sua pessoa a sua história.

Não esqueça o psicólogo que o valor humano de cada experiência humana é fundamental e intransferível. E se ele reconhece a diversidade de nível fazendo psicologia animal, tal diversidade específica contundentemente o comportamento de cada indivíduo humano, cujas condutas intrapessoais e interpessoais são sempre e só desta personalidade a ser estudada como uma unidade extremamente complexa.

ANTÔNIO RODRIGUES SOARES